



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

PROBLEMAS DO COTIDIANO URBANO NAS PÁGINAS DE *O PROGRESSO* (1953 A 1962)

Fernando de Castro Além¹

UFGD/FCH, C. Postal 364, 79804-970 – Dourados (MS), e-mail

fernandodagata123@hotmail.com

¹Doutorando em História.

RESUMO

Os problemas do cotidiano urbano que assolavam a população de Dourados serviram também para aquecer o debate político no município. O jornal *O Progresso* noticiou esses problemas, e aqui chamamos de temáticas, conforme a relação de seu diretor com o poder público local, e também de acordo com o momento, fosse este eleitoral ou não. Enfocaremos como *O Progresso* os explorava, e dessa forma, analisaremos a relação do jornal com a Prefeitura de Dourados e com o Governo do estado do Mato Grosso, seja nas críticas ao prefeito local e ao governador, seja no levantamento de situações quanto aos principais problemas do município, e como era essa relação em períodos eleitorais e não eleitorais.

Palavras-chave: *O Progresso*, temáticas, eleições.

INTRODUÇÃO

Vários são os temas citados pelo jornal *O Progresso* no tocante à reivindicação ao poder público. E alguns ganharam destaque nas páginas do jornal, durante o recorte temporal proposto. Realizamos o levantamento das temáticas nos anos de 1953, 1954, 1957, 1958 e 1962. Optamos por tal metodologia para compararmos o comportamento do jornal quanto aos executivos municipal e estadual, entre anos não eleitorais e eleitorais, para buscar compreender a mudança de posicionamento de Weimar Torres em períodos distintos. De início, propusemos levantar as principais temáticas também em 1961, pois se trata de ano anterior ao eleitoral, porém isso não foi possível, haja vista o jornal ter sofrido uma

interrupção em sua veiculação de aproximadamente 17 meses, entre final de agosto de 1960 e início de fevereiro de 1962.

Outros trabalhos se ocuparam da análise de discursos de periódicos relativos aos temas que afligiam a população, estando esses discursos servindo ao interesse de determinados grupos políticos. Adson Arruda estudou as representações dos jornais sobre a cidade de Cáceres (MT) na primeira metade do século XX. O autor afirma que esses órgãos de imprensa, ao apontar os problemas do cotidiano urbano daquele município, construíam um discurso que tinha como principal objetivo garantir os interesses político-partidários dos proprietários dos periódicos, ao atacar as administrações locais. Ao mesmo tempo, idealizavam a Cáceres dos sonhos, e a importância em investir nos lugares que expressavam uma funcionalidade, como a praça, o porto e a igreja (ARRUDA, 2002, p. 28).

Laurindo Mékie Pereira, ao analisar os discursos da imprensa em Montes Claros (MG) no início de 1950, afirma que os jornais da cidade, dirigidos por próceres políticos do PSD e do PR, tinham por objetivo reproduzir um discurso desenvolvimentista, que representava uma Montes Claros *próspera, pacificada e moderna*. Porém, os problemas relativos à precariedade no fornecimento da energia elétrica, a falta de água, a pobreza e a carestia que assolava a população demonstravam uma outra face da cidade, diferente do discurso oficial, problemas que os jornais locais contraditoriamente reafirmavam. Portanto, mesmo com a construção de um discurso harmônico, que se dá principalmente com a eleição de JK para o governo de Minas Gerais, a imprensa “não pôde evitar o reverso da moeda” (PEREIRA, 2001, p. 18).

1. O JORNAL O PROGRESSO E O DISCURSO DE INDEPENDÊNCIA

O jornal é importante fonte para estudos históricos, pois se constitui em elemento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. É de acordo com essa visão que analisamos as temáticas levantadas pelo jornal *O Progresso*, haja vista se constituir em um importante difusor de opiniões de determinados grupos de interesses, cujo lugar social e posicionamentos de seu proprietário se fazem presentes em suas páginas.

Não estamos preocupados apenas em levantar as temáticas apontadas pelo jornal *O Progresso*, as quais anunciavam que as ações do poder público poderiam trazer melhorias no cotidiano da população douradense, mas buscamos compreender as estratégias de ação de Weimar Torres e de seu grupo político, na conquista de seus interesses junto aos mandatários municipal e estadual, fossem esses interesses imediatos ou em futuros processos eleitorais. Segundo Heber Ricardo da Silva, a História procura estudar a imprensa “como agente político

destacado, com a preocupação de captar o movimento vivo das ideias e dos personagens que circulam nas páginas dos jornais” (SILVA, 2003, p. 24).

Nelson Werneck Sodré aponta a imprensa como espaço de mediação política, entre o jornalista, ou o grupo que representa, e o espaço público, sendo elemento importante na influência do jogo político (SODRÉ, 1983, p. 165). Já Luciano da Silva Moreira procura compreender os impressos como uma “força da História, um dos ingredientes fundamentais de uma cultura política e o elemento em torno do qual foram tecidos conceitos e idéias” (MOREIRA, 2006, p. 11).

Portanto, não há como desvincular o jornal *O Progresso* da política local, pois esse jornal servia de elo entre a comunidade douradense e o poder público, com o periódico agindo como elemento de tensão entre as duas partes, sob a bandeira da *independência*, tão propagandeada. Mas na realidade, tal discurso de *independência* correspondia muito mais aos interesses e às estratégias de Weimar Torres na busca de recursos para o jornal, ou na tentativa de desacreditar o adversário político junto à opinião pública, do que a simples defesa dos interesses da população douradense quanto às necessidades que a afligiam. Maria Helena Rolim Capelato desconstrói esse discurso de *independência*, tão propagandeado pela imprensa brasileira. A autora afirma:

A imprensa tem o dever de criticar o poder e os poderosos. Como podem os empresários-jornalistas exercerem, de forma independente, o dever da crítica se estão ligados, por vínculos estreitos, a indivíduos e grupos cujos atos devem denunciar? Os compromissos que eles estabelecem na esfera privada não desaparecem quando atuam na esfera pública (CAPELATO, 1994, p. 19/20).

Seguem abaixo alguns exemplos da utilização do discurso da *independência*, já afirmado desde a primeira edição do periódico:

Nossas Diretrizes – Sai hoje a público, este primeiro jornal impresso em terra douradense. Como criança, tímida, enfrentamos a opinião pública, e nos lançamos à aventura de dar a Dourados um jornal permanente, *independente* e capaz de servir a todos com igualdade e lealdade (*O PROGRESSO*, 21/4/1951, p. 3).

Na apresentação do jornal, local onde apareciam os nomes do diretor, do chefe de redação e do gerente, e também dos valores dos exemplares e de assinaturas, mais uma vez era reafirmado esse discurso de *independência*. Segue abaixo a apresentação extraída em 1954, onde *O Progresso* afirmava ser um jornal sem cor partidária:

O PROGRESSO é um jornal *independente*, não possuindo cor política ou partidária. Nessas condições as matérias de caráter político partidário só serão publicadas como matéria paga, bem como as de interesse estritamente pessoal. Reserva-se à direção rejeitar mesmo como matéria paga artigos ofensivos ao pudor e à moral (*O PROGRESSO*, 6/6/1954, p. 3).

Fazemos alusão às transformações pelas quais o jornalismo nacional vinha passando a partir da década de 1950. Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, a imprensa escrita se aproxima mais do modelo estadunidense, mais empresarial, pregando um jornalismo *independente, imparcial*, em detrimento do modelo francês, do político-literário. Até a década anterior, era marcado por debates virulentos, pela paixão das polêmicas, estando a serviço de um determinado grupo político ou dos poderes públicos. Na década posterior, a imprensa nacional abandonou a tradição de crítica, de doutrina e da polêmica e assumiu características de um jornalismo que preza pela informação transmitida de forma objetiva, passando a ser reconhecido com um gênero de *estabelecimento de verdades* (RIBEIRO, 2003, p. 148).

O Progresso não acompanhou tais transformações, pois mesmo com o periódico se autodenominando *independente*, seus editoriais, escritos por Weimar Torres ou por seus colaboradores, sempre transmitiam opiniões pessoais, muitas em forma de crítica, ou ao contrário, de elogio às ações do poder público local e estadual, não deixando de opinar conforme a agenda política ia criando seus contornos. Isso se explica pelo fato de Weimar Torres ter sido vereador e deputado estadual durante o recorte temporal proposto, portanto, vinculado a um partido político, o PSD, e seus editoriais tinham como estratégia garantir os interesses partidários do grupo ao qual ele era vinculado.

Ademais, o novo estilo jornalístico brasileiro, próximo do estadunidense, seria mais utilizado nos jornais dos grandes centros brasileiros, pois os cidadãos do Rio de Janeiro ou de São Paulo, diante dos novos desafios do mundo moderno que se implantara, experimentavam uma rotina mais frenética. A população de tais cidades conheceu um crescimento vertiginoso a partir da migração de indivíduos em busca de uma oportunidade que a cidade grande poderia proporcionar. A eles não era permitido perder um precioso tempo buscando entender as longas opiniões expostas no jornal.

2. WEIMAR TORRES: OPOSIÇÃO OU SITUAÇÃO?

Os interesses de Weimar Torres e seu partido estiveram sempre presentes nas páginas de *O Progresso*, e isso tinha como foco uma estratégia que balizava os discursos relativos às ações da Prefeitura de Dourados e do Governo estadual. Por exemplo, em 1951, apesar de Weimar estar em grupo político adversário do prefeito municipal e do governador do estado – dois udenistas –, o tom crítico em relação a tais administrações não era uma constante, o que podemos explicar pelo apoio em dinheiro da municipalidade para fundação de *O Progresso*. Dois anos depois, as críticas em relação à Prefeitura Municipal são mais rotineiras, haja vista

Weimar Torres se situar na oposição ao executivo na Câmara de Vereadores. No mesmo ano, Weimar chegou supostamente a sofrer ameaças contra sua integridade física, por requerer, juntamente, com outros vereadores, a responsabilidade criminal do Prefeito Nelson de Araújo por mau uso de verbas públicas. O editorial intitulado *Harmonizar sim, recuar nunca!* corrobora a afirmação acima:

Ninguém ignora hoje que eu estou, ao lado de outros vereadores, em oposição ao Executivo Municipal. É um direito que eu tenho e que ninguém pode me negar. Por isso, e porque era do meu dever, votei favoravelmente ao parecer da Comissão de Finanças que opinou pela responsabilidade civil e criminal do Prefeito, em face da aplicação irregular de 297 mil cruzeiros. [...] Nada tenho contra a pessoa do Dr. Nelson de Araújo, pessoa admirável por todos os títulos e merecedora do meu respeito. Mas o Prefeito Municipal errou. [...] Si algo me acontecer, o meu sucessor na Câmara continuará a batalha....estou com o velho Badaró para dizer: morre um liberal, mas não morre a liberdade [...] (*O PROGRESSO*, 15/2/1953, p. 1/4¹).

Um mês depois, Weimar pareceu mudar novamente de posicionamento. Tratava-se da aquisição de um trator para manutenção das estradas de acesso ao município. O Prefeito Nelson de Araújo enviou à Câmara Municipal lei pedindo autorização para contrair empréstimo no valor de um milhão de cruzeiros para a referida compra. Weimar, em seu editorial, fez elogios à ação do prefeito pelo referido projeto:

[...] Por isso, no meu entender, a lei recentemente proposta pelo Prefeito, autorizando o empréstimo de um milhão de cruzeiros para a compra daquela máquina, avulta como uma das mais importantes iniciativas dos poderes públicos municipais [...] (*O PROGRESSO*, 8/4/1953, p. 1).

Essa mudança de postura do periódico em relação ao prefeito chamou a atenção para um provável acordo realizado entre Weimar e Nelson de Araújo, quando da crise do processo crime contra o alcaide. O próprio Weimar Torres fez menção a esse acordo, que pode ter ocorrido, exigindo de Nelson de Araújo a obrigatoriedade de publicação das ações da administração municipal, como o caso do balanço de seu governo em 1952, publicado pelo jornal *O Progresso* dois meses depois da tentativa de criação pela Câmara Municipal do processo crime contra o prefeito, em 21 de abril de 1953.

Antônio Moraes, liderança udenista à época, e que se tornaria depois prefeito da cidade e deputado estadual, teria supostamente procurado Weimar Torres com o propósito de construir o dito acordo, o que foi registrado pelo jornal *O Progresso* no momento da polêmica:

[...] com as coisas nesse pé, fui procurado pelo meu prestigioso amigo Antônio Moraes a quem sou devedor de inúmeras atenções, a qual me faz um apelo para estudar uma forma de harmonizar a questão através de um acordo. Esse acordo está sendo estudado, e está baseado em serviços de utilidade pública e pontos de real

¹ Quando uma matéria não cabia na mesma página, era prática rotineira de *O Progresso* recortá-la e colá-la em outra página.

interesse para o bem do município e do povo em geral [...] (O *PROGRESSO*, 15/2/1953, p. 1).

Ou seja, Weimar e os demais articulistas nunca deixaram de dar suas opiniões sobre as ações do poder público e, de acordo com o momento, essas opiniões eram em tom de crítica ou de elogios aos mandatários. Seu posicionamento político demonstrava muito bem isso, haja vista essa postura se modificar, dependendo da ocasião e a quem referisse.

A mudança de posicionamento de Weimar Torres era muito nítida em 1953 e 1954, se comparada à sua relação com a Prefeitura de Dourados, como afirmamos acima. No início de 1953, Weimar, em oposição ao governo de Nelson de Araújo, criticou por diversas vezes sua administração, chegando a colocar os dois primeiros anos como *dois anos vazios*, título do editorial abaixo:

Muito pouca gente se deu conta que a administração do nosso Prefeito Municipal completou dois anos. Essas datas são geralmente comemoradas ou recordadas pelos governantes com a apresentação dos serviços realizados, havendo homenagens com banquetes, discursos, e outras demonstrações de apreço. Nada disso houve aqui. Já não exigimos homenagens, mas pelo menos o relatório devia aparecer, pormenorizando o que foi feito. Acreditamos que o Sr. Prefeito está incapacitado de fazer um relatório, isto porque, em verdade quase nada foi feito durante todo esse tempo que está a frente do Executivo Municipal [...] (O *PROGRESSO*, 1/2/1953, p. 4).

As críticas eram as mais diversas. Quando da polêmica do processo crime contra o prefeito, e o suposto acordo entre Weimar e Nelson de Araújo, houve uma mudança de postura do periódico. A temática mais levantada pelo jornal *O Progresso* em 1953, relativa à manutenção das estradas de acesso ao município, ganhou um novo tom. Antes, apenas reivindicações e críticas, depois tais críticas se atenuavam, além de surgirem diversas congratulações ao prefeito pela realização dos serviços de manutenção das estradas de acesso ao perímetro urbano. Os elogios partiram de toda a equipe editorial de *O Progresso*. Em sua coluna *Aquarela da Vida*, João Augusto Capilé Júnior elogiou os serviços de melhoramento da estrada de acesso a Maracaju, realizados pela Prefeitura:

Há tempos queríamos falar sobre as rodovias douradenses, principal problema para o desenvolvimento de toda essa região. Os dias passavam-se rapidamente e, como nem sempre lembramos daquilo que não se vê, as nossas colunas não recebiam um rabisco sequer sobre o palpitante assunto. Entretanto, há alguns dias resolvemos dar umas voltinhas lá para os lados de Maracaju e qual não foi a nossa surpresa ao verificarmos o trabalho que está sendo desenvolvido pela máquina adquirida pela Prefeitura, cujo paradeiro muita gente ignorava! Encontramos ali um perfeito trabalho de terraplanagem que, justiça seja feita, é digno dos melhores encômios. [...] Mas a coisa é assim mesmo. Os dias correm velozes e as idéias vão se voltando aos poucos para aquilo que realmente venha redundar em benefício da região. Estamos já na época de compreender que a demagogia não pode ser muito barata. Deve ter um preço pelo qual se interesse o povo. E esse preço só se consegue com a apresentação de trabalhos reais e inofismáveis tais como aquele belo serviço que irá favorecer todos que trafegam desta Cidade à estrada de ferro. (O *PROGRESSO*, 26/4/1953, p. 3).

Em manchete de capa, Weimar Torres congratulou a administração municipal pelo serviço de manutenção na estrada de acesso à colônia municipal, atual município de Itaporã:

Registramos com esperada satisfação o fato da Prefeitura Municipal estar fazendo os necessários reparos na estrada que demanda ao Patrimônio Panambi, sede da Colônia Municipal, sendo construído um pontilhão numa das baixadas ali existentes e que estava ameaçando impedir o trânsito devido ao acúmulo de água das recentes chuvas. Esperamos ainda que oportunamente, seja dado um reforço naquela rodovia pela motoniveladora afim de consolidar o seu leito, permitindo tornar-se uma estrada mais resistente à ação das chuvas (*O PROGRESSO*, 27/9/1953, p. 1).

Esse discurso mais ameno também ocorreu mediante as demais temáticas. O jornal deixou de lado a crítica, sempre presente antes do suposto acordo com o Prefeito Nelson de Araújo, e adotou uma postura mais tênue em relação à Prefeitura Municipal. Ainda reivindica melhorias, como pôde ser verificado na citação acima, mas não mais de forma ácida no tocante ao poder público local. As reivindicações eram sempre acompanhadas de elogios à administração. Podemos apontar a questão da energia elétrica, citada diversas vezes no ano. O jornal congratulou o prefeito pelos esforços em colocar em funcionamento esse serviço, após a queima de seu transformador:

O incêndio dos transformadores da sub-estação, que nos privou da luz elétrica, foi objeto das providências imediatas do Sr. Prefeito Municipal, Dr. Nelson de Araújo e da Câmara Municipal, tendo esta autorizado o conserto do transformador danificado e a compra de outro para solucionar o caso. Da mesma forma, em face das grandes despesas que tais providências acarretarão, foi oficiado ao Governador do Estado, pedindo um auxílio para ocorrer a tais despesas. [...] Louvável, por certo, a atitude do Prefeito que viajou para São Paulo, afim de apressar a reforma da unidade incendiada e a compra da outra, com a autorização que lhe foi dada pela Câmara Municipal (*O PROGRESSO*, 18/10/1953, p. 1).

O jornal *O Progresso*, utilizando-se da mesma estratégia, reivindicou a construção de meio-fio no município. É importante verificar que tal reivindicação era tênue, chegando a eximir a prefeitura de culpa por não realizar o melhoramento, em virtude dos escassos recursos da municipalidade, como apontamos abaixo:

Cidade que se agiganta dia a dia, progressista em todos os setores, Dourados já está precisando de meio fio, para o melhoramento de sua avenida principal, pois valiosos prédios tem sido construídos e muitos outros o serão dentro em breve. Não é de hoje que nossa Prefeitura Municipal cogita desse importante assunto, procurando dar-lhe atenção, estando, entretanto, com a exigüidade das verbas, pois nossa reduzida arrecadação não permite esforços maiores (*O PROGRESSO*, 4/10/1953, p. 1).

Podemos verificar abaixo o tom tênue do jornal em período anterior ao eleitoral, quando da realização dos serviços de conservação das ruas do município pela Prefeitura, em fevereiro de 1954:

Conforme estava programado, o Dr. Nelson de Araújo, prefeito municipal, após a conclusão da estrada de Itahum está fazendo o patrolamento das ruas da cidade que de há muito precisavam dessa providência. Mas na verdade, para que o estado das ruas permaneça conservado é necessária a colaboração dos nossos

motoristas, especialmente dos caminhões, evitando trafegar em dias de muita chuva, o que destrói em pouco tempo o nivelamento das pistas (*O PROGRESSO*, 28/2/1954, p. 1).

Tal postura do periódico se manteve em abril de 1954. Elogios à administração municipal foram constantes nesse período. Citamos a notícia de aumento na arrecadação municipal veiculada pelo jornal *O Progresso*:

[...] o prefeito Nelson de Araújo vem levando a cabo em toda a área do município, o plano traçado na construção de estradas e outros benefícios. A renda municipal, graças à perfeita organização da contabilidade pública municipal, vem passando por um sensível aumento a cada ano [...] (*O PROGRESSO*, 15/4/1954, p. 1).

Em relação ao governo do estado, comandado pelo udenista Fernando Correa da Costa, podemos afirmar também uma postura amena do periódico. As poucas citações ao governo estadual apareciam muito mais como notícia por serviços, ou até em forma de elogios. O exemplo é a notícia do aumento da arrecadação estadual no município, em 23 de maio de 1954, quando o coletor estadual no município, Wilson Carneiro, segundo o jornal, “vem demonstrando assim o elevado empenho com que encara suas funções (*O PROGRESSO*, 23/05/1954, p. 1). Mesmo no período eleitoral de 1954, o periódico não subiu o tom no que tange a Fernando Correa da Costa, noticiando inclusive com destaque de capa sua chegada ao município em agosto de 1954, momento em que as campanhas já tinham ganhado as ruas: “Dourados hospeda desde ontem o Governador do Estado Dr. Fernando Correa da Costa, que vem inaugurar vários melhoramentos e obras em nosso município. Cumprimentamo-lo” (*O PROGRESSO*, 8/8/1954, p. 1).

Nesse momento, Weimar estava muito mais focado na campanha local. Não havia uma preocupação em atacar o mandatário estadual, contentando-se em apenas noticiar seus serviços na região. Como o foco era a eleição em Dourados e sua reeleição como vereador, o alvo das críticas era a administração municipal de Nelson de Araújo, demonstrando mais uma vez a alteração na relação entre o prefeito e *O Progresso*.

Um exemplo é a matéria assinada pelo vereador do PSD, Sinésio de Matos, intitulada “Que venha sempre”, criticando a administração municipal pelo fato de ter realizado os serviços de patrolamento nas ruas da cidade somente em virtude da visita do governador a Dourados: “[...] Finalmente agora, com a propalada vinda do governador, a tal patrola apareceu raspando um pouco a buraqueira das ruas. Assim sendo, só nos resta pedir ao governador que venha sempre” (*O PROGRESSO*, 8/8/1954, p. 3).

Os problemas que mais afligiam a população da cidade de Dourados, relativos ao fornecimento de energia elétrica no município e ao melhoramento das vias urbanas,

retornaram em tom de crítica à administração municipal quando se aproximaram as eleições. Sendo serviços que envolviam diretamente a Prefeitura Municipal, tanto Weimar Torres quanto João Augusto Capilé Júnior, editor chefe do periódico, transformaram o discurso tênue, ameno, em críticas ácidas no que tangia a tais temáticas, por vezes em destaque. Como o jornal *O Progresso* circulava quase que somente na zona urbana, essa estratégia poderia refletir em votos aos candidatos do PSD.

Ainda na edição de 8 de agosto de 1954, em matéria de destaque de capa sob o título de *Queremos luz*, o periódico criticou o serviço de fornecimento de energia realizado pela Prefeitura Municipal. Na mesma matéria, além da crítica, o jornal aproveitou esse espaço para fazer campanha para Ruy Gomes, candidato a prefeito pelo PSD, e para Filinto Muller, candidato ao Senado, afirmando que eles foram os principais responsáveis na conquista de verbas para fazer funcionar a usina de energia:

Há quasi quatro meses que estamos às escuras. [...] Quando a atual Uzina elétrica não passava de um monte de materiais sem que houvesse verbas para concluir sua montagem, tivemos o braço forte de um Ruy Gomes que ao lado de Filinto Muller lutaram para conseguir a verba necessária, fazendo-a funcionar em outubro de 1949, ante o regozijo geral de nosso povo. Perguntamos agora. O atual desarranjo da Uzina póde ser mais difficil de sanar do que foi a sua montagem quasi total naquela época? (*O PROGRESSO*, 8/8/1954, p. 1).

Em 12 de setembro, João Augusto Capilé Júnior em seu editorial, *Aquarela da Vida*, afirmou que não ia falar sobre política no momento eleitoral, assunto tão corriqueiro nas rodas em todos os lugares do país, e que preferia falar sobre a não conservação das ruas da cidade:

[...] E por não plagiarmos tantos outros assuntos, o que diremos da política douradense, nesta época em que são travadas as batalhas eleitorais em todos os quadrantes do território brasileiro? Não passa também de chuva em terreno molhado, porque é assunto de todas as rodas, de todos os quadrantes. E por falar em assunto corriqueiro, também não acham de lamentar a grande nuvem de poeira que cobre toda a área de nossa querida cidade é um tema que está sendo adotado para princípio da conversa? Para o lado que pendermos sempre encontraremos a cantilena vulgar de todos contra o horrível pó que está se transformando em tijolos no bojo dos pulmões dos douradenses [...] (*O PROGRESSO*, 12/9/1954, p. 3).

Mas mesmo assim, é importante afirmar que tais temáticas não dominaram a pauta do periódico, ou seja, não se tratava das principais notícias veiculadas pelo *O Progresso*, muito mais preocupado com a corrida eleitoral, e com a necessidade de garantir o espaço de poder de Weimar e seu grupo político, no tocante ao ano de 1954.

As duas temáticas foram citadas em tom de crítica, conjuntamente, 11 vezes, entre início de julho e início de outubro do referido ano, o que pode não ser pouco para um jornal semanário. Porém, a propaganda política de Weimar Torres, de Ruy Gomes – candidato a prefeito –, de Filinto Muller e dos demais candidatos a vereador pelo PSD, além das notícias relativas a eles, foram bem mais exploradas pelo periódico.

Já em 1957, *O Progresso* não circulou em janeiro, reaparecendo no mês seguinte, havendo mudanças importantes em sua redação. O jornal que, no ano anterior, contava com o diretor Weimar Torres, o vice-diretor Armando Carmello, o redator chefe João Augusto Capilé Júnior e o gerente Naurestides Brandão, passou por uma reformulação administrativa nos principais postos do periódico. Conforme comentamos anteriormente, Weimar, que antes era citado como diretor, agora apareceu como fundador, estando em seu lugar, Antônio Tonanni.

Vale notar que a partir dessa importante reestruturação no jornal *O Progresso*, se modificou também a linha editorial do periódico. A escrita opinativa, combativa, própria de Weimar Torres, deu espaço a uma escrita mais noticiosa, na qual havia menos exposições de comentários pessoais.

As leis (decretos, licitações, nomeações, entre outros) da Prefeitura passaram a ser publicadas no periódico, constituindo-se em importante fonte de renda, o que de certa forma balizava a relação do jornal com a Prefeitura de Dourados, o que não significava o fim das críticas à administração municipal do Prefeito Antônio Moraes, porém tais críticas nunca apareciam em destaque, e sim na pequena coluna *Ecos e comentários*. A principal temática, relativa ao melhoramento das vias urbanas, citada 25 vezes em 1957, apareceu 12 vezes em forma de crítica ou reivindicação, e 13 vezes em forma de ações ou elogios ao prefeito por algum serviço realizado.

Tais críticas apareciam quase sempre de forma tênue, em um discurso brando contra o alcaide local. Um exemplo era o comentário publicado na coluna *Ecos e Comentários* em 7 de julho, sobre a numeração das casas. O autor apontava o problema, mas minimizava o tom do discurso quando se referia ao prefeito, apontando sua boa vontade e de seu antecessor quanto à sua resolução:

A pesar de todas as campanhas que temos feito desde 1951 pelas colunas deste jornal, através de dezenas de artigos, apesar da boa vontade do prefeito anterior, do atual e do seu substituto, apesar de ser Dourados uma cidade que se orgulha de seu progresso, não está resolvido ainda o problema da numeração de casas, apesar de haver no orçamento municipal, anualmente, verbas para esse fim [...] (*O PROGRESSO*, 7/7/1957, p. 1).

Em 18 de agosto, o jornal noticiou três vezes o cascalhamento da Avenida Marcelino Pires, sempre em forma de elogios à administração municipal. Armando Carmello, em seu editorial *Terra e Gente*, chamou atenção para o fato em matéria de destaque, dizendo estar envolto em um sonho, quando se referia ao serviço mencionado:

Nessa manhã eu acordei tristonho. Não via que e redor de mim as coisas mudaram, as coisas tomaram um ritmo diferente, pois desde a madrugada alta que os caminhões do DNER trabalhavam carregando cascalhos para o calçamento de

nossas ruas, a nossa feira livre estava animada, os olhares eram todos bons, otimistas de verdade. E o meu olhar lançado na extensão da Avenida Marcelino Pires, descobriu que, de fato, vamos ter as nossas ruas cascalhadas, sem os inconvenientes da poeira do mês de agosto e sem as lamas nos dias de chuvas. Folguei, então, em presenciar os fatos, tendo acordado nesse instante do sonho que estava embebido desde as primeiras horas da manhã (*O PROGRESSO*, 18/8/1957, p. 1).

Além do mais, o jornal continuou servindo aos interesses do grupo político de Weimar Torres, atuando, por exemplo, na divulgação das ações do Governador Ponce de Arruda, do Deputado Federal Fernando Jorge Mendes Gonçalves, do Deputado Estadual Wilson Pinho, todos do PSD. A temática que tratava da construção e manutenção de escolas, citada 19 vezes, foi retratada como propaganda do trabalho do Governo do estado, pelo fato de estar em construção o ginásio estadual de Dourados, atual escola Presidente Vargas. Sem contar a liberação de verbas para o ginásio Osvaldo Cruz e para o Patronato de Menores de Dourados. Um exemplo de propaganda das ações do Governo do estado era a matéria de capa, com a foto do governador, em 26 de maio daquele ano, registrada da seguinte forma:

Residência da CER, Inspetoria de ensino, Distrito sanitário. O trinômio “Estradas-Escolas-Energia” funcionará não como simples rifões eleitorais, mas, como um objetivo concreto, extruturado em programas e obras de envergadura, resultante de amadurecidos estudos e esforços, visando soluções definitivas (*O PROGRESSO*, 26/5/1957, p. 1).

Em 30 de junho de 1957, o jornal noticiou a chegada do governador a Dourados, dando destaque de capa às ações da administração estadual na cidade. O periódico apontou todos os passos da visita ao município, retratando inclusive a reunião do governador com seus correligionários em um jantar na casa do pessedista Ruy Gomes:

Depois de visitar a Colônia, o Governador Ponce de Arruda veio para esta cidade, tendo inspecionado as obras do Ginásio Estadual e os primeiros quilômetros da moderna rodovia Dourados-Ponta Porã, dirigindo-se, após para a residência do Sr. Ruy Gomes, onde ficou hospedado. Ao jantar íntimo que lhe ofereceu o casal anfitrião, saudou a S. Exa. o Dr. Weimar Torres, tendo o Governador Ponce de Arruda agradecido. Em seguida ao jantar, tendo ao lado o Sr. Onofre de Matos, presidente do Diretório Municipal do PSD, o Governador manteve cordial palestra com numerosos correligionários e amigos (*O PROGRESSO*, 30/6/1957, p. 1).

Havia apenas uma notícia em forma de reivindicação relativa ao tema, colocada na terceira página, em espaço ínfimo, no tocante ao início das aulas no ginásio estadual, em 6 de outubro de 1957.

Portanto, dos principais temas que afligiam a população de Dourados, muito poucos foram destaque nas páginas do jornal *O Progresso* no ano de 1957. A exceção existiu quando se tratava de noticiar as ações do Governo do estado, nas mãos do pessedista Ponce de Arruda, aliado político de Weimar Torres. Grande parte dessas ações foram veiculadas em forma de júbilo, de elogio ou de agradecimento pelos trabalhos realizados. Em relação à

Prefeitura de Dourados, o jornal se dividia entre críticas e elogios. Tais críticas, quando apareciam, eram amenas, às vezes propositivas, sem muito alarde, em poucas linhas, geralmente na pequena coluna *Ecos e comentários*, haja vista a publicação dos atos oficiais da Prefeitura se constituir em matéria paga, importante fonte de renda para o periódico.

No ano seguinte, ao deixar a direção do jornal *O Progresso*, Antônio Tonnani inaugurou *O Jornal de Dourados*, semanário concorrente do jornal *O Progresso*. Tonnani levou consigo as publicações pagas pela Prefeitura de Dourados, para serem veiculadas em seu órgão recém-inaugurado. Isso, além de se tratar de ano eleitoral, fez com que o jornal *O Progresso* passasse a atacar com maior veemência a administração municipal do udenista Antônio Moraes.

A perda da verba da Prefeitura provavelmente gerou problemas financeiros a *O Progresso*, haja vista que o jornal ficou sem circular em janeiro e fevereiro de 1958. Quando retornou, no início de março, tinha como novo diretor o Deputado Federal do PSD, Fernando Jorge Mendes Gonçalves, e como gerente Alfeu Lopes Pael. A partir da fundação de *O Jornal de Dourados*, os diretores dos dois periódicos ocuparam suas páginas para degladiarem entre si, uma constante no ano de 1958.

Entre setembro e outubro do mesmo ano, o jornal *O Progresso* novamente teve problemas de veiculação. Não circulou entre 21 de setembro e 26 de outubro de 1958. Isso pode ser explicado por se tratar de momentos imediatamente anterior e posterior às eleições, com Fernando Jorge e Weimar Torres totalmente voltados para suas candidaturas de deputado federal e deputado estadual, respectivamente, ocupando muito tempo e dinheiro em tais projetos políticos.

Após um período de ausência, Weimar voltou a publicar suas opiniões em 1958, porém, até as eleições, com o pseudônimo de *J. Bartolomeu*, um velhinho, sempre acompanhado de seu cachorro *Matraca* e de seu cavalo *Fivela*, um senhor humilde que recebia em sua casa líderes políticos locais, e que constantemente dava conselhos a esses líderes. Mas as temáticas que afligiam a população nunca constaram nas opiniões de J. Bartolomeu. Seu assunto eram a política e as eleições, sendo que suas palavras sempre eram de apoio às candidaturas do PSD, principalmente de Vlademiro do Amaral, candidato pessedista a prefeito, e críticas aos adversários. Weimar voltou a assinar seus editoriais após o período eleitoral, mas sem abordar os assuntos inerentes ao cotidiano urbano da cidade.

O ano eleitoral motivou as constantes críticas do periódico às ações da administração municipal do udenista Antônio Moraes, críticas estas produzidas ainda mais pela perda da publicação dos atos oficiais da Prefeitura para o concorrente, o *Jornal de Dourados*. Dessa

vez, as temáticas relativas aos problemas que afligiam a comunidade douradense, quando envolviam a municipalidade, estiveram quase sempre em tom de críticas veementes ao alcaide, estando muitas vezes em destaque na capa do periódico.

Segue abaixo reportagem em tom de denúncia, levantando contra o prefeito suspeitas de sua conduta na gestão dos recursos do município:

A arrecadação municipal de 1957 que havia sido prevista pelo Prefeito em 14 milhões e, em virtude de prorrogação do orçamento anterior permaneceu com uma previsão de 9 milhões e 200 mil cruzeiros, atingiu a pouco mais de 4 milhões, menos da metade. O prefeito explica o decréscimo com a crise. Mas, com toda a crise a arrecadação da Coletoria Estadual e da Coletoria Federal não sofreu decréscimos. Há outros motivos para o debacle das receitas da Prefeitura. É preciso investigar (*O PROGRESSO*, 2/3/1958, p. 1).

Mais tarde, quando se aproximou o pleito eleitoral, o jornal criticou o depósito de lixo da Prefeitura, localizado no interior da cidade, inflamando os douradenses a entrar na justiça contra tal localização:

Não é de hoje que se reclama contra o depósito de lixo da Prefeitura, em plena rua Cuiabá, já bastante habitada, contaminando todas as cercanias, dando um aspecto infecto com o ajuntamento de urubus, porcos sobre o lixo noseabundo que ali se amontoa. Mas nunca o prefeito atendeu a esses reclamos que já foram feitos por este Jornal e na Tribuna da Câmara pelo vereador Weimar Torres. Cansado de reclamar o povo vai pedir providências à saúde pública e, em seguida, promover uma ação judicial contra a municipalidade, para se livrar dessa situação vexatória e humilhante de ter que suportar o mau cheiro daquele monturo que ameaça até uma epidemia na população (*O PROGRESSO*, 10/8/1958, p. 1).

Porém, o principal tema a ser abordado por *O Progresso* estava fora do debate político no município. Tratava-se da chegada do telefone à cidade, com 14 citações. O que não faltava eram notícias de júbilo ao Dr. Joaquim Lourenço, médico, responsável pelo empreendimento. Em seguida, havia as notícias que envolvem a arrecadação municipal, quase sempre em tom de crítica, com 13 citações. E em terceiro, as veiculações relativas ao melhoramento e construção de estradas de acesso ao município, que quase sempre serviram de propaganda ao governo de João Ponce, com 12 citações. Dessa vez, os problemas relativos ao fornecimento de energia elétrica, a construção e manutenção de escolas e o melhoramento das vias urbanas, não ocuparam frequentemente as páginas de *O Progresso*.

Mas vale apontar que a relação com o prefeito não foi apenas tempestuosa. A partir da edição de 30 de novembro, as publicações da administração de Antônio Moraes voltaram a aparecer em *O Progresso*, como os editais e as leis municipais, mudando mais uma vez a relação com a Prefeitura de Dourados. A partir daí, as críticas desapareceram das páginas do jornal, e em seu lugar reivindicações tênues, as ações da administração e até elogios aos serviços realizados.

Quanto ao retorno das boas relações entre a Prefeitura e o periódico, destaque para a aquisição da fonte luminosa para a Praça Antônio João. Nos assuntos relativos à reforma da praça, há dez citações. Entre estas, só a aquisição do artefato ocupou cinco vezes as páginas do jornal. Segue abaixo matéria de destaque na capa de *O Progresso* sobre a aquisição supramencionada, demonstrando a cordialidade do jornal para com a administração municipal:

O Prefeito Municipal enviou mensagem à Câmara, solicitando abertura de verba especial para compra de uma fonte luminosa que será instalada na praça Antônio João que depois das importantes obras que estão sendo ali realizadas será um legítimo orgulho da cidade. Embora a maioria dos vereadores tivesse votado contra o pedido dessa verba, a compra do chafariz será realizada pelo prefeito, uma vez que vai vigorar em 1959 o orçamento do corrente ano, onde há verbas destinadas às obras de ajardinamento e embelezamento da praça Antônio João. O custo da moderna fonte luminosa atinge oitocentos e cinquenta mil cruzeiros e será a maior e mais bela de todo o Estado do Mato Grosso, como o público douradense terá a oportunidade de ver quando da inauguração das importantes obras de embelezamento pelas quais está passando o nosso principal logradouro público (*O PROGRESSO*, 30/11/1958).

Mas vale apontar que, assim como em 1954, as temáticas que envolviam os problemas do cotidiano urbano de Dourados não eram o principal assunto a ser tratado pelo jornal *O Progresso*. Em se tratando de ano eleitoral, ganhou espaço nas páginas do periódico a campanha política em Dourados, servindo o jornal como instrumento a serviço dos interesses dos candidatos do PSD, mais especificamente da candidatura de Vlademiro do Amaral a prefeito, do diretor Fernando Jorge a deputado federal, e de Weimar Torres a deputado estadual. Havia constantes publicações sobre a reorganização do PSD, com a criação de subdiretórios do partido na zona da colônia, *calcanhar de Aquiles* da legenda pelo seu baixo desempenho na zona rural. As temáticas seriam um subtema contido no tema principal *eleições*, embora o ataque à administração municipal pudesse tirar votos da UDN, partido do prefeito na cidade. O foco do jornal em 1958 eram as eleições daquele ano.

Também em 1962, podemos dizer o mesmo. Há grande atenção do periódico para as eleições. Weimar volta a ser candidato a deputado estadual, vencendo dessa vez o pleito. Mas as temáticas não ficaram de fora das páginas do jornal *O Progresso*.

Após deixar de circular entre setembro de 1960 e janeiro de 1962², o periódico reiniciou sua veiculação remodelado, com seis páginas, e espaço considerável para publicações de peças publicitárias, divulgando propagandas das mais diversas. Maria Helena Rolim Capelato chama atenção para as mudanças na roupagem dos jornais, a partir da segunda metade do século XX:

² O exemplar nº 441 é de 28 de agosto de 1960. O nº 442, de 11 de fevereiro de 1962.

Na segunda metade deste século, os artifícios de sedução do público se sofisticaram. A concorrência com os veículos de comunicação de massa eletrônicos obrigou os jornais a reestruturarem sua roupagem gráfico-editorial. Novas técnicas vêm sendo constantemente introduzidas para melhorar a apresentação do produto ao consumidor (CAPELATO, 1994, p. 16).

No caso de *O Progresso*, a mudança ocorreu muito mais pela concorrência estabelecida entre este e *O Jornal de Dourados*. Não acreditamos que em Dourados houvesse aparelhos televisivos suficientes para estabelecer uma disputa entre órgãos impressos e televisão. Outro motivo aliado à modificação atravessada pelo jornal é a busca por novas fontes de recursos.

O Progresso ressurgiu diversificando sua fonte de renda, dedicando maior espaço às peças publicitárias, desvinculando-se um pouco dos recursos oriundos dos poderes públicos, verba que vinha minguando desde 1958, ano em que Tonnani fundou o *Jornal de Dourados*, levando consigo as publicações oficiais da Prefeitura local. Sem contar a derrota de Filinto Muller, principal liderança do PSD em 1960, para o Governo do estado do Mato Grosso. Se com João Ponce no governo, os elogios ao mandatário estavam relacionados às verbas enviadas ao periódico, com Fernando Correa da Costa a realidade era outra.

O jornal reabre com máquinas novas e uma nova postura comercial. Sua direção decidiu aumentar os espaços disponíveis para publicidade em seu interior. Uma página inteira foi disponibilizada para espaços publicitários de vários tamanhos, para os mais diversos tipos de empreendimento e necessidades dos douradenses, onde eram veiculadas desde propagandas de profissionais liberais – como médicos, advogados e dentistas –, até anúncios de revendas de automóveis, isso tudo reflexo do aumento da população urbana de Dourados. Portanto, o periódico reapareceu com nova roupagem, mais comercial, diversificando sua fonte de recursos, antes muito dependente dos poderes públicos. Embora as temáticas inerentes ao cotidiano urbano da cidade ainda continuassem sendo uma constante nas páginas do jornal.

Quando tais temáticas envolviam o Governo do estado, comandado por Fernando Correa da Costa, apareciam quase sempre em tom de crítica. O principal tema abordado pelo jornal em 1962, a construção e manutenção de escolas, citado 29 vezes, se constituiu em elemento de ataque à administração estadual, assim como as obras de saneamento básico da SESP³ – veiculada 18 vezes. Tal postura frente ao governador do estado fazia sentido se pensarmos as eleições para o executivo estadual em 1960, momento em que Filinto Muller, *chefe* do PSD no Mato Grosso, perdia as eleições para Fernando Correa da Costa, da UDN.

³ Tratava-se da Secretaria Estadual de Saúde Pública do Estado do Mato Grosso.

Portanto, tal derrota devia ter causado um constrangimento a Weimar em noticiar as ações de Fernando Correa da Costa, o que poderia gerar retaliações por parte de seu principal e mais *ilustre* aliado, Filinto Muller.

No número inaugural de 1962, o periódico reafirmou o discurso de independência em relação aos poderes públicos, de estar agindo de acordo com as necessidades da população local. Após criticar o Governador Fernando Correa da Costa por inúmeros vetos, como o veto ao auxílio financeiro para construção de uma escola em Itaporã; o veto à lei que obriga as coletorias a recolher um valor à carceragem; o veto ao auxílio concedido pela Assembleia Legislativa à Liga Esportiva Douradense de Amadores, o artigo afirmava: “fazemos estes reparos não inspirados no espírito mesquinho de acusar o Sr. Governador, mas, na defesa dos sagrados direitos da gente e da terra douradense [...]” (*O PROGRESSO*, 11/02/1962).

Ao criticar o governador Fernando Correa da Costa em 27 de maio, por não cumprir a promessa de campanha, segundo a qual construiria a Usina Hidrelétrica do Salto Pirapó, no rio Amambai, antiga reivindicação da região, houve o retorno do discurso de defesa dos interesses do povo:

Não é assim, jornal que não defende o povo não é jornal. Nossa missão é lutar pelas reivindicações populares. E, uma das formas porque o fazemos é buscando lembrar aos governantes as promessas que fez para galgar aos postos do governo. (*O PROGRESSO*, 27/5/1962, p.1).

O periódico não recebia, nesse momento, recursos do Governo do estado do Mato Grosso, o que possibilitava ao órgão de Weimar criticá-lo quando achasse necessário, sentindo-se livre para construir um discurso de *garantia de interesses do povo*. A campanha perdida por Filinto Muller para Fernando Correa da Costa em 1960 e as eleições locais em 1962 foram um combustível a mais na postura crítica do periódico, haja vista o fato de o governador estar filiado à UDN, embora tenham existido tentativas de acordo político visando a uma coligação entre PSD e UDN em Dourados para as eleições daquele ano, arranjo esse comandado por Vlademiro do Amaral, conforme relatado por Weimar Torres em seu diário pessoal.

Já o Prefeito Vivaldi de Oliveira, por ser candidato a deputado estadual era alvo certo, pois concorria diretamente com Weimar Torres ao pleito. Tais críticas eram relativas, principalmente, ao melhoramento das vias urbanas e das estradas de acesso ao município. Mas quando Vivaldi se afastou da Prefeitura para sua campanha a deputado, e assumiu o pessedista Jonas Dourado, presidente da Câmara Municipal à época, o periódico mudou completamente a postura. Um novo discurso foi criado, com o objetivo de legitimar um governo de *realizações, de desenvolvimento para Dourados*.

“Mobilizada a Prefeitura para produzir dia e noite em benefício da cidade – aplausos gerais da população ao Prefeito Interino, vereador Jonas Francisco Dourado” (*O PROGRESSO*, 26/8/1962). Não faltaram congratulações e elogios a Jonas Dourado, correligionário de Weimar e Vlademiro. “Tem sido justosamente aplaudidas as providências do Prefeito Jonas Dourado a frente da Prefeitura Municipal, revelando-se um administrador dinâmico e de um grande espírito de iniciativa” (*O PROGRESSO*, 2/9/1962, p. 1).

Foi inaugurado um serviço de relações públicas pela Prefeitura, uma espécie de prestação de contas das obras e ações da administração municipal, estampada semanalmente nas páginas de *O Progresso*, demonstrando também a mudança de atitude do jornal quando assumiu o comando da cidade Jonas Dourado. Antes críticas, agora *afagos*, motivados, sem dúvida, pelas verbas publicitárias destinadas ao periódico, além de Jonas Dourado pertencer ao mesmo partido de Weimar.

Ao final da campanha, com o retorno de Vivaldi de Oliveira à Prefeitura, o jornal manteve uma postura amena, mesmo porque as leis promulgadas pelo Executivo municipal, antes veiculadas pelo *Jornal de Dourados*, já estavam sendo publicadas pelo periódico quando da interinidade de Jonas – o que não encerrou com Vivaldi, embora não houvesse mais a divulgação dos atos da municipalidade por um serviço de relações públicas nas páginas de *O Progresso*.

Quanto ao Governo estadual, as críticas amenizaram após o período eleitoral. Estas ainda apareceram, mas em menor número que o registrado durante as eleições. O jornal ainda manteve a postura combativa quanto às ações da administração estadual, porém diminuíram os ataques. Prova disso é a principal temática levantada no período, relativa à construção e manutenção de escolas, ter sido citada apenas duas vezes após o período eleitoral. Uma em tom de crítica ao péssimo estado do ginásio estadual Presidente Vargas, outra anunciando o início de sua reconstrução.

A mudança de postura por parte do jornal deve ter ocorrido em virtude de verbas publicitárias direcionadas pelo Governo do estado ao periódico, já sinalizadas desde o mês de julho de 1962, quando o jornal *O Progresso* recebeu ofício do gabinete do executivo estadual, destinado a “manter permanente contato com os órgãos de divulgação e com todos os setores de opinião pública de Mato Grosso”. Segue o ofício, dizendo: “Para que alcancemos, em sua plenitude, nossos objetivos – [...] vimos propor um contato permanente e constante com V. Excia. que tem conosco interesses recíprocos” (*O PROGRESSO*, 29/7/1962, p. 5). Nesse momento, as críticas mais ácidas foram feitas aos serviços da companhia telefônica de Dourados, portanto fora da alçada estadual e municipal.

Sendo assim, a postura do periódico quanto aos problemas do cotidiano urbano que afligiam a população – melhoramento das vias urbanas, das estradas de acesso, construção e manutenção de escolas e fornecimento de energia elétrica –, estavam diretamente ligadas ao recebimento ou não de verbas publicitárias por parte dos poderes constituídos. Tal postura dependia também de quem estava à frente. Se fosse correligionário de Weimar, elogios, congratulações, apoio. Ao contrário, se fosse adversário, a postura poderia ser de crítica ou de reivindicação.

Quando não havia o recurso público, a postura do jornal era de crítica, seja pelo não cumprimento de promessas de campanha, seja pela não realização de um determinado serviço, ou mesmo de denúncia. Quando havia o recebimento de recursos de publicidade, a postura era mais amena, chegando a configurar até elogios ao poder público. A relação mais cordial era certa quando os mandatários faziam parte do grupo político de Weimar, como em 1957 e 1958, quando o governo estadual era comandado por João Ponce, ou quando da interinidade de Jonas Dourado à frente da Prefeitura em 1962.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal *O Progresso*, como importante meio de comunicação em Dourados, se utilizou de formas simbólicas de transmissão de ideias, sendo que seu proprietário detém a posse, um instrumento simbólico, nas palavras de Bourdieu, seja na forma de reivindicações, críticas ou elogios, para se fazer reconhecer pela opinião pública local, seja ao buscar capitanear lucros políticos junto aos munícipes, e desta forma, garantir os interesses de seu proprietário, Weimar Torres, com o objetivo de ampliar seu *poder simbólico*. Quanto ao apontado, podemos citar Pierre Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se reconhece se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário.[...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 1999, p. 14/15).

As críticas ao executivo municipal e estadual quanto aos problemas do cotidiano urbano da cidade também estavam diretamente ligadas às eleições locais. Dependendo de quem estivesse à frente, se fosse aliado naquele momento, um discurso elogioso e tênue em

relação a esses problemas. Se adversário, críticas tenazes, chegando a soar em tom de denúncia em alguns momentos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Adson de. *Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX (1900-1930)*. 2002. 143 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000168.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomas. Lisboa: Editora Difel, 1989.

CAPELATO, Maria Helena R. *A imprensa na História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 1994

LE GOFF, Jacques. *A política será ainda a ossatura da história?* In LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Editora 70, 1985. p. 221-242.

MOREIRA, Luciano da Silva. *Imprensa e política: espaço público e cultura política na Província de Minas Gerais (1828-1842)*. 2006. 271 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NEVES, Maria Manuela Renha de Novis. *Elites políticas: competição e dinâmica partidário-eleitoral (Caso de Mato Grosso)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

PEREIRA, Laurindo Mékie. *Dependência, favores e compromissos: relações sociais e políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50*. 2001. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp00235.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. *Revista Estudos Históricos*, CPDOC/FGV – revista eletrônica de História, Rio de Janeiro, v. 1, n 31, p. 147-160, 2003. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186/1325>. Acesso em 26 de janeiro de 2011.

SILVA, Héber Ricardo da. *A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa, 1945-1948*. 2008. 211 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.